

A CONSTRUÇÃO DO OUTRO NOS PERFIS DOS “APPS DE PEGAÇÃO” GAY/BI

João Carvalho de SOUZA JUNIOR (Mestrando/UFS)

Resumo: Novas modalidades de interação interpessoal das cibercomunidades (LEVY, 2003), principalmente na atual era dos smartphones, possibilitaram uma desconstrução nas estratégias de busca e encontro por relações sexuais/afetivas. Aplicativos de encontro, ou “apps de pegação”, como o *Grindr* (app destinado a homens que procuram por relações com outros homens), possuem um campo em que os usuários preenchem tanto com suas características físicas/pessoais quanto descrevem as características em termos de aparência e de comportamento que esperam e desejam do Outro, em uma espécie de combinações e fabricações/construções de sexualidade (FOUCAULT, 2014). Dentro dessas construções de sujeitos desejantes e (in)desejáveis surge, nesses textos, uma reafirmação de discursos heteronormativos, e normas de gênero, tanto sobre si, quanto sobre como o Outro deve agir para atrair o seu interesse. Assim, neste artigo analiso como as fabricações de prazer e desejo (FOUCAULT, 1980; 1984) se reconfiguram em (ciber)performances de masculinidades interpeladas por normas de gênero (BORBA; 2014; BUTLER, 2009), enunciadas em atos de fala (AUSTIN, 1990) e termos que manifestam, em signos linguísticos (VOLOCHÍNOV, 2006), tais discursos dentro dos aplicativos.

Palavras-chave: atos de fala, cibercomunidade LGBTQ+, discurso, heteronormatividade, performance de gênero

Introdução

Com as criações das novas modalidades de interação interpessoal, e com os avanços das tecnologias e mídias digitais, surgiram as cibercomunidades (LEVY, 2003). Comunidades cibernéticas as quais ampliaram as possibilidades de os sujeitos discursivizarem, enunciarem e performarem as suas sexualidades, ou simplesmente referirem-se à sexualidade de outrem. Aplicativos (app) de encontro, como o *Grindr* (foco de análise deste trabalho) são exemplos desses novos (códigos) territórios destinados a tais práticas discursivas e performativas.

Apps como *Grindr*, *Scruff*, *Hornet*, dentre outros opções de apps deste gênero, são exemplos de cibercomunidades de relacionamento, que são espaços digitais onde indivíduos e suas versões on-line podem coexistir, simultaneamente, com suas versões não digitais, para encontrar parceiros de acordo com os seus propósitos. Cada um desses

apps unem indivíduos com interesses em comum – como a busca por relações afetivas/sexuais. O *Grindr* foi pioneiro no seu segmento, sendo lançado em 2009. E hoje é o app mais baixado no seu segmento, destinado basicamente a homens gays/bi/trans/*queer*¹ (como explica o app). Já naquela época, se fazia uso das mesmas principais características, que são utilizadas hoje, como imagens (para foto do perfil, ou envio privado), texto (para descrição pessoal, descrição de parceiro alvo e/ou criação de um *nickname*) e o geoposicionamento, essas três funções são os pilares dos apps deste gênero. Atualmente, há uma gama de opções de apps pensadas para a maioria das pessoas, cuja orientação sexual seja representada por uma das letras que compõe a sigla LGBTQ+². O app *Grindr*, assim como *Scruff*, *Hornet*, entre outros apps de pegação trabalham com a densidade geográfica, ou seja, independente da distância o app apresentará 100 perfis na versão não-paga.

Cada (ciber)comunidade, como o *Grindr*, é um espaço ‘desterritorializado’, “capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular.” (LEVY, 2003, p. 47) Embora desprovido das características físicas de uma comunidade não-digital, esses espaços online carregam discursos, regras, normas, limites, fronteiras imaginárias, entre outras características comportamentais que são exteriores às cibercomunidades em si, mas que ajudam a compô-la e a segregar os indivíduos para se constituir enquanto uma comunidade. Um exemplo de forma de segregação são os limites de gênero que criam hierarquias de acordo com os que se comportam dentro dos *frames*, ou os limites dos gêneros.

Frames, segundo Butler (2003), são as molduras que limitam as nossas vidas, regem nossos comportamentos seguindo diversos fatores, como os biológicos, que são

1 Os termos bi e trans são abreviações que são comumente utilizadas para se referir aos sujeitos (bi)bissexuais e (trans) transsexuais, travestis e transgêneros.

2 Há diversas discussões sobre as siglas LGBTQ+, em alguns lugares consideram-se a sigla LGBTQQICAPF2K+, outros lugares usam LGBTQIAP, LGBTQIAPN, LBTPN ou LGBTQIAP+. Utilizo aqui a abreviação LGBTQ+ por acreditar que consiga abranger o maior número possível de letras e de participantes da comunidade.

utilizados como justificativa para emoldurar todos os aspectos de nossos comportamentos humanos. Porém, sabemos que homens e mulheres não agem de forma diferente motivados por seus hormônios, mas porque são educados a agirem de forma diferente (LARAIA, 2009). Desde o nascimento, nossos corpos são controlados e supervisionados, e mais adiante emoldurados em possibilidades. Entre cores e objetos de decoração, e que mais adiante se tornaram brinquedos e roupas, surgem dispositivos que vigiam os nossos comportamentos e colonizam as nossas identidades, baseando-se que em nossas vidas existem apenas as duas possibilidades binárias e supostamente “naturais”.

O binarismo de gênero sexual, junto com a ideia de heterossexualidade compulsória (COLLING; NOGUEIRA, 2015), criam espécies de linhas abissais, parafraseando Souza Santos (2018), e que podemos (ousar) chamar de as linhas abissais dos gêneros. Essas linhas separam os corpos, e a partir de então os hábitos culturais possíveis para eles e elas, restringindo-nos em duas únicas possibilidades, a saber masculino e feminino, ou homem e mulher, ou macho e fêmea (BUTLER, 2003). Essas limitações culturais, esses *frames*, atingem as performances de gênero (BORBA, 2014), sobre como se vestir, agir, comportar-se e expressar-se corporalmente. Elas invadem, inclusive, os atos de fala, os nomes, as flexões de gênero, as regras gramaticais, dentre outras formas de limitar e vigiar os sujeitos, pois é na língua que o binarismo e as normas de gênero encontram um dos seus maiores dispositivos de vigilância. A partir destes fatores, subalterniza-se os que destoam de alguma forma desta norma de gênero, como os indisciplinados dos grupos LGBTQ+, ao menos aqueles que se atrevam a atravessar a linha entre o azul e o rosa, o futebol e o balé, o short e a saia, o ele e o ela, ou qualquer outro signo, linguístico ou não, que seja destinado a sujeitos com órgãos sexuais específicos, e no qual possa-se materializar os discursos heteronormativos.

Neste artigo, apresento um estudo sobre as ciberperformances (fusão dos conceitos de cibercultura e performance) íntimo-erótica de usuários de um aplicativo de paquera para homens gays/bi/trans/queers. A discussão será baseada em algumas

vertentes e conceitos de teóricos da Linguística Aplicada (LA), da filosofia e das epistemologias do Sul. Serão analisadas mais especificamente algumas fabricações de prazer e desejo (FOUCAULT, 2014) e como essas se reconfiguram em ciberperformances de masculinidades interpelada por normas de gênero (BUTLER, 2009) e enunciada através dos atos de fala (AUSTIN, 1990) e termos que manifestam, em signos linguísticos (VOLOCHÍNOV, 2006), tais discursos dentro dos aplicativos. Os dados apresentados e analisados neste artigo se referem a prints de perfis de usuários do app Grindr que ficaram acessíveis quando acessado. Serão focadas, principalmente, as descrições que os usuários fazem de si mesmos e das pessoas com quem pretendem manter contato, de modo a se colocar e a colocar o outro como sujeito desejável ou indesejável.

Linguística Aplicada *Queer* e Indisciplinar

Por seu caráter transdisciplinar e, segundo Rocha e Daher (2015), por preocupar-se mais com o objeto de pesquisa do que com as limitações do cânone, a pesquisa seguirá a linha da LA, focada em analisar os problemas reais do uso da linguagem. Neste sentido, essa pesquisa visa agregar e não excluir métodos e abordagens que sirvam para solucionar problemas de pesquisa que venham a surgir (PENNYCOCK, 2006). Desta forma, faço uso da LA por possibilitar transgredir as barreiras teóricas e suprir as necessidades teóricas/metodológicas desta pesquisa, pois ela, a LA, é antes de tudo, assim como os indivíduos *queers*, indisciplinar, pois não se conforma com as barreiras das disciplinas.

Moita Lopes (2006) propõe que a lógica da indisciplinaridade permite driblarmos conhecimentos e abordagens tradicionais e vislumbrar novos percursos de pesquisa, lançando um olhar interessado ao que a ciência menosprezou como fonte útil de conhecimento: os saberes marginais ou subalternos. (BONFANTE, 2016, p. 127)

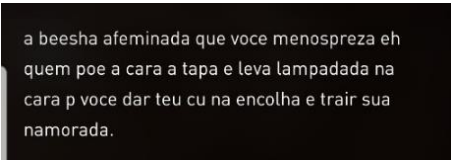
Além disso, consideraremos os saberes subalternos ou sujeitados, que, segundo

Foucault (1999), são

conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais. [...] Toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não-conceituais, saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes inferiores, [...] saberes abaixo da cientificidade requerid[a]. (p. 11-12)

Esses saberes muito interessam para esta pesquisa, em que as perspectivas dos colonizadores (CASTRO-GOMEZ; GROSGOUEL, 2007) são postas para andar de lado – ou até contestadas – com as perspectivas dos colonizados. Entendo, nesta pesquisa, a relação de poder entre a heteronormatividade e a homossexualidade como sendo também uma relação entre colonizadores e colonizados, e que ficará claro de acordo com algumas análises e descrições no decorrer do texto.

Partindo dessas novas perspectivas, que surgem com a valorização de, para uns, novos saberes, ou, para outros, simplesmente, antigos saberes: busco tratar aqui das novas possibilidades transgressoras, ou possibilidades *queers* de análise em LA. Pois, essa nova abordagem indisciplinar possibilita transgredir as barreiras da linguagem e trazer para dentro do corpus de uma pesquisa científica a linguagem própria de contextos informais. Desta maneira a LA, assim como os sujeitos *queers*, ou as *beeshas* (Figura 1), “põe a cara a tapa”, ambos, área da ciência e sujeitos, driblam convenções e tradições, e partem rumo à novas possibilidades de pesquisa e vivência.



a beesha afeminada que voce menospreza eh quem poe a cara a tapa e leva lampadada na cara p voce dar teu cu na encolha e trair sua namorada.

Figura 1: “a beesha afeminada que você menospreza”

Na figura 1, a performance do usuário chama atenção por dois motivos: (1) Ele traz à tona a atitude transdisciplinar e *queer* dos sujeitos “beeshas afeminadas” que,

através de suas atitudes, enfrentam preconceitos, e mesmo sofrendo consequências como levar uma “lampadada”³ na cara, permite que outros sujeitos tenham a suas práticas aceitas em sociedade. Esses sujeitos rompem com as repetições das normas e das performances de gênero, ao se colocarem como sujeitos indisciplinados, que não se contentam com os *frames* do binarismo de gênero, e abrem espaço para que outros sujeitos também possam romper; (2) Essa performance também merece destaque pelo fato dela enunciar o termo “cu”, muito negligenciado pela linguagem formal, porém bastante utilizado nas práticas comunicacionais corriqueiras. É importante trazer tal termo à tona pois o Cu tem sido considerado por alguns autores como um conhecimento *queer* legitimamente brasileiro.

O cu é necessariamente um signo de transgressão na sociedade machista, porque a homossexualidade transgrediu uma suposta “ordem natural no sexo” e, como propõe Hocquenghem (*apud* PERLONGHER, 2008: 218), “Toda homossexualidade [masculina] está ligada ao ânus”, pelo menos simbolicamente. Não é por acaso a relação assumida popularmente entre ânus e homoafetividade. (BONFANTE, 2006, p. 310)

Esse termo vai muito além de um simples uso de uma linguagem informal, termos como estes carregam significados variados em cada contexto. E é devido a insuficiência da linguística teórica pura em lidar com tais problemas do uso da linguagem que a LA trouxe para junto de si, também, outras áreas do conhecimento como a sociologia, a psicologia, a filosofia, entre outras, já que nenhuma área do conhecimento sozinha pode dar conta de teorizar as relações pessoais. Assim, a LA mudou o papel de meramente produtora de material didático para o ensino de língua inglesa (como foi em sua gênese) e tornou-se uma ciência social. Com isso, procura-se, a partir de agora, estudar “a situacionalidade cultural, institucional e histórica da ação

3 O sujeito faz referência ao famoso caso de homofobia que aconteceu em São Paulo/SP, em que foi utilizado uma lâmpada para cometer agressão. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/12/pensei-que-ia-morrer-diz-jovem-agredido-com-lampada-na-paulista.html>>.

humana” (WERTSCH apud MOITA LOPES, 2009, p. 18) que se dá, segundo Moita Lopes (2009) através do discurso/interação. A partir deste momento, a LA entra como problematizadora destas situacionalidades e suas relações ideológicas, políticas e éticas, bem como os regimes de verdade que interpelam o sujeito e a(s) sua(s) identidade(s).

Segundo Foucault (apud FABRÍCIO, 2006) a verdade pode ser considerada como um regime, que normatiza os modos de ser, agir e desejar, como também de comunicar-se. E esse regime de verdade faz com que, por exemplo, a heterossexualidade seja tomada como parâmetro tanto as relações afetivas-sexuais, como para o comportamento de homens e mulheres. Independentemente de suas orientações sexuais e suas identidades de gênero, sejam eles e elas cis ou trans⁴. Um regime que molda e confecciona as identidades dos sujeitos.

(Ciber)Construindo sujeitos (in)desejáveis

O sujeito, segundo Moita Lopes (2013), é uma construção discursiva. Desta forma como discurso é linguagem e a língua(gem) é instável, fragmentada e mutável, desta maneira a identidade do sujeito também o é. Isto porque

a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente, [...] homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. [...] podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2012, p. 3)

4 O termo cis, vem de cisgênero, que são os indivíduos cuja as performances de gênero estão em “concordância” com os seus órgãos sexuais, isso aos olhos das normas de gênero. Enquanto trans, transgêneros, transsexuais ou travestis, são os(as) indivíduos(as) cuja as identidades de gênero e suas performances fogem dos limites das normas de gênero e não há esta dita concordância entre sexo e gênero.

Desta maneira, as identidades dos usuários dos “apps de pegação” podem ser múltiplas dentro e fora do app. Pois há uma infinidade de fatores que contribuem para a construção desse sujeito ciberperformado. Tão bem as tecnologias disponíveis nos smartphones, como todas as possibilidades semióticas e textuais que os usuários podem optar no uso, contribuem para essa multiplicidade. O usuário pode ser tudo e nada ao mesmo tempo, o que vai definir é o seu desejo, a forma como tal usuário faz as suas descrições textuais (ou não verbais, em imagens) e de como o sujeito quer construir a sua identidade online, ou como ele vai performá-la. O que torna essa comunidade mais complexa ainda (e afinal qual comunidade não é complexa?).

Ao construir os perfis nos apps, os usuários, mais do que se descrevem, eles performam- se, e é dentro dessa performance de si que moram uma infinidade de possibilidades de identidades e discursos e suas combinações. Para entender essa amplitude da teoria de Butler (2003) sobre performatividade, é necessário compreender primeiro os conceitos de atos de fala de Austin (apud SILVA, 2012). Para o autor a linguagem nos permite dois tipos de enunciado, os descritivos/constatativos e os performativos, respectivamente: enunciados que descrevem algo e enunciados que realizam alguma ação.

Os enunciados analisados nesta pesquisa, poderiam se encaixar na categoria de constatativos, já que, aparentemente, os sujeitos aqui apenas constroem discursivamente outros sujeitos que são seus ideais como corpos desejáveis. Porém, Butler (2003) ampliou a teoria de Austin ao considerar que atos de fala na medida em que vão se repetindo ganham características de fato social. “Aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que [...] contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo.” (SILVA, 2006, p. 7). Nas análises a seguir, buscarei expor quais são essas identidades que são construídas a partir de determinadas ciberperformances.

Tomemos como exemplo o usuário da figura 2, que assim como diversos outros usuários, traz para dentro dos apps de pegação famosos enunciados como “não curto

afeminado”, “não sou e nem curto afeminado” e “curto homem com jeito de homem”.

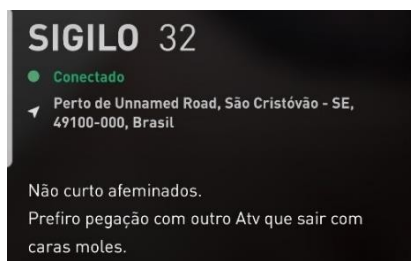


Figura 2: SIGILO

Mais do que descrever e constatar as suas preferências sexuais, essa rede de usuários que enuncia tais discursos, acaba por, segundo Butler (2003), produzir uma identidade, a do sujeito afeminado. Eles se inserem em um sistema linguístico mais amplo que reforça a negatividade de um homem afeminado, construído aqui com um corpo indesejável. Além disso, essas performances agregam para dentro do grupo discursos heteronormativos, que consideram que homens – independentemente de suas orientações sexuais e identidades de gênero – devem comportar-se de acordo com as normas do que é “ser homem” – o que não incluiria ser afeminado. Porém, para que essa performance heteronormativa seja reconhecida e legitimada, é necessário que haja uma repetição desses atos linguísticos, e a repetição (e a vigilância) é fundamental para o sucesso desta performance pois “a performance da masculinidade é continuamente posta sob suspeita: supõe-se que, sob o menor gesto discrepante, possa-se ocultar uma variante da figura da bicha” (OLIVEIRA, 2010, p. 249). Parafraseando Fanon (2008), são desejos homossexuais e máscaras heterossexuais.

Todavia, em muitos casos essa repetição, como todas as repetições, pode ser interrompida, assim como a Figura 1 sugere. Segundo Butler (apud Silva 2006, p. 7), “a mesma repetibilidade que garante a eficácia dos atos performativos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade da interrupção das identidades hegemônicas”.

Tal fato acontece com os sujeitos *queer*, que interrompem as repetições das normas de gênero, e constroem e/ou desconstróem novos paradigmas de gênero. Desta forma, os usuários dos apps podem performar livremente a sua feminilidade, ou não, rompendo com a identidade hegemônica que constitui o que é ser homem, em que atuam as relações de poder. Por esse motivo, prefiro analisar as performances, como performances de masculinidades, no plural, pois acredito que há mais de uma forma de ser e performar ser homem. Todavia, para que uma sociedade patriarcal/heteronormativa rompa essas barreiras e atravesse essas linhas abissais (SANTOS, 2018), que divide o masculino do feminino, requer uma tomada de consciência, pois essas fronteiras encontram-se embasadas em discursos de poder, e escolher um lado, o que não detém o poder (o do discurso afeminado), é correr o risco de sofrer com a falta de reconhecimento. Há toda uma polarização vertical sobre quem pode o quê, sobre a masculinidade e a feminilidade, o certo e o errado – o norte e o sul, e, principalmente, dentro dos apps de encontro, linhas que separam o atraente do não atraente, o desejável do indesejável.

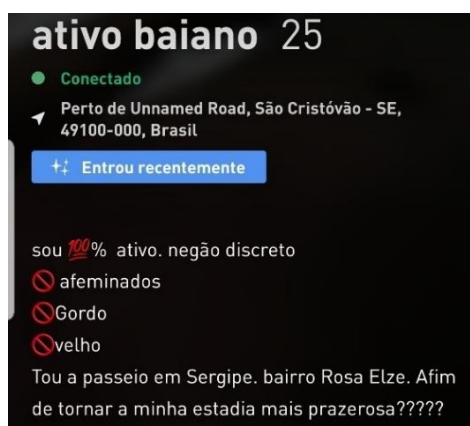


Figura 3: “ativo baiano”

Na figura 3, o sujeito em sua performance deixa claro, no seu texto em forma de lista/tópicos, quais os sujeitos são constituídos como indesejáveis. Seguindo os termos

“afeminado”, “gordo” e “velho”, temos um emoji⁵ de um sinal de bloqueio, demonstrando que tais sujeitos estão passíveis a serem bloqueados. Esse perfil, assim como outros do tipo, elucidam três de muitas dicotomias que separam sujeitos desejáveis e indesejáveis – ou quais sujeitos detém o poder, de ser desejável dentro do app –, pois tais performances polarizam os outros sujeitos em duas opções apenas.

Essa performance, como muitas outras ciberperformances de apps como o *Grindr* simplificam a interação do Outro com o seu perfil ao optar pela construção textual em lista. Pode-se elucidar como possíveis motivos para tal escolha, o fato desse tipo de gênero textual ter como principais características facilitar a leitura e, conseqüentemente, a localização de determinadas expressões, útil para os sujeitos que buscam evidenciar quais Outros não são de desejo. Assim, como também optou o sujeito da figura 5, abaixo, que não sou enunciou quais as opções de sujeito e performances ele procura (fazendo uso do *emoji* com o V) e quais ele não procura (utilizando o *emoji* do X).

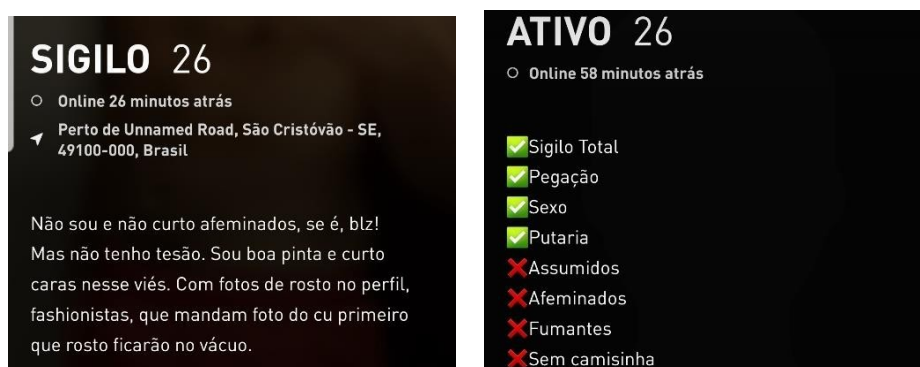


Figura 4: “SIGILO” e Figura 5: “ATIVO”

Os prints de dois usuários revelam um tipo de sujeito, e a forma como este tipo constrói o Outro, o qual tornou-se comum nos apps de encontro gay: o que precisa

⁵ Emojis são uma espécie de novos ideogramas da era digital, que permitem, que através de figuras que podem acompanhar o corpo do texto, expressem, de forma semiótica, sentimentos, emoções e diversos outros significados de forma mais prática e ocupando menos caracteres.

provar a todo tempo que não pertence aquela comunidade, e que não se identificam (sentem-se atraídos) com aqueles sujeitos que compõem o grupo. O sigilo da Figura 4, bem como o “sigilo total” e o *emoji* enunciando, em um abordagem semiótica, a um bloqueio aos assumidos e afeminados da Figura 5, performatizam um discurso de negação ao Outro, e conseqüentemente a própria identidade, afastando dela a possibilidade de vir a público o seu desejo, ou de ameaçar o sigilo interagindo com aquele Outro que seja afeminado e assumido. Esses sujeitos, embora estejam naquela comunidade, não se sentem como pertencentes a ela, eles estão ocupados discursivizando, e a procura de um sujeito de desejo que seja sigiloso, discreto e não-afeminado. Esses sujeitos podem estar ocupando uma posição de, segundo Foucault (1995, p. 216), “não descobrir o que somos, mas recusar o que somos”. Desta forma, esses sujeitos partem para a busca de outros que sejam como eles. Sendo assim, para tais sujeitos, o Outro de desejo deve ser também sigiloso, discreto, não assumido e que não seja afeminado. Essa busca por sujeitos sigilosos e não afeminados, levam alguns usuários do *Grindr* a construções narcísicas do Outro, como é exposto nas análises dos *prints* a seguir.

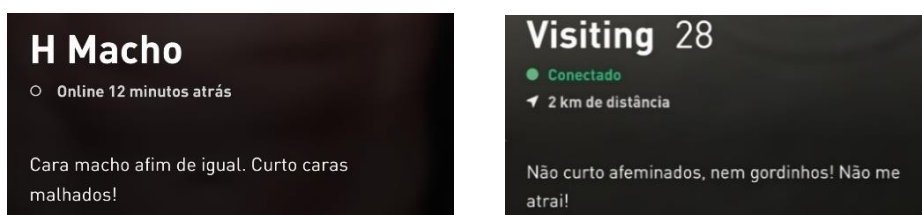


Figura 6: “H Macho” e Figura 7: “Visiting”

A performance do sujeito da Figura 6, além de discursivizar a busca por corpos performados que sejam como o seu “Macho”, também enuncia o seu desejo por corpos definidos, ou “malhados”, ou como também é exposto na Figura 7, o corpo que não seja “gordinho”. Se a máxima popular fala que “dois bicudos não se beijam” ou que “os opostos se atraem”, nas relações de busca por práticas sexuais-afetivas na cibercomunidade gay a regra é outra. O culto aos corpos, corpos esses que precisam ser

másculos (não-afeminados), está atrelada ao culto da beleza física, ambos similares ao corpo do próprio indivíduo desejante. Há um discurso narcisista que atravessa essas ciberperformances em que os corpos másculos e malhados, e principalmente parecidos com os seus são os corpos de desejo.

(In)Conclusões: Quais são os corpos (in)desejáveis?

Antes de sumarizar quais corpos são construídos como (in)desejáveis, penso ser de suma importância falar sobre quem os constroem como tais, neste caso os sujeitos aqui analisados. Fanon(2008) fala da busca do ser humano pelo reconhecimento do Outro:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida. (p. 180)

Em apps de encontro a busca pelo reconhecimento é inevitável, afinal os sujeitos de sucesso são aqueles que conseguem performar-se a ponto de atrair a atenção do Outro, e assim serem reconhecidos. No entanto, para alguns usuários, a busca por reconhecimento não se deu através de performances íntimo-eróticas de si, e sim em forma de descrição de um Outro sujeito como (não)ideal. Todavia, para serem sujeitos de sucesso no app, eles precisam do reconhecimento do Outro. A grande questão é quando a busca por esse reconhecimento é por alguém que é um *outsider* do grupo (como bem exposto na Figura 5). O que boa parcela dos perfis do *Grindr*, e quase todos os perfis aqui analisados buscavam, era, além de um encontro sexual-afetivo, uma reafirmação da sua masculinidade, uma perpetuação de discursos heteronormativos, ou um reconhecimento heterossexual.

Essa busca por reconhecimento perpassava inclusive os seus desejos, e, conseqüentemente, as suas construções do Outro como sujeito de desejo, ou não. Os

enunciados são sobre corpos femininos como corpos não desejáveis, sobre corpos não machos (e fora de forma) como indesejáveis, ou como esses próprios sujeitos, que enunciavam os discursos, não sendo afeminados. O “não” constitui-se como partícula fundamental nas construções textuais da semiótica do Outro como sujeito desejável, ou indesejável. Notou-se que é de suma importância deixar claro qual Outro não faz parte do foco de desejo. O Outro é construído a todo tempo como o Outro do NÃO, o Outro que não é: “não é gordo”, “não é assumido”, e principalmente “não é afeminado”. O medo do indesejável é mais presente do que o desejo pelo desejável. Sendo assim, a construção do Outro, nos aplicativos de pegação gay/bi/queer/trans, se dá através do NÃO.

Referências

AUSTIN, J. L. (1962). Quando dizer é fazer: palavras e ação. Tradução e apresentação de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BORBA, Rodrigo. *A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais*. cadernos pag. (43), julho-dezembro de 2014:441-474

BONFANTE, Gleiton Matheus. *Erótica dos signos nos aplicativos de pegação: processos multissemióticos em performances íntimo-espetaculares de si*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. p.151- 172.

CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. Prólogo. Giro decolonial, teoria crítica y pensamento heterárquico. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSGOUEL Ramón (Orgs.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

Pensar, Universidad Central- IESCO, Siglo del Hombre, 2007.

COLLING, Leandro; NOGUEIRA, Gilmaro. Relacionados, mas diferentes: Sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade. In: RODRIGUES, Alexandre; DALLAPICULA Catarina; FERREIRA, S. R. da S. *Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação*. Vitória: EDUFES, 2015.

FABRICIO, Branca Falabella. Lingüística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia, EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michael. *O sujeito e o poder*. In P. RABINOW e H. DREYFUS, Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria Ermenita Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. São Paulo: Paz & Terra, 2014 [1984].

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEVY, Pierre. *Ciberdemocracia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P (Org.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto. 2009. p. 11-24.

PENNYCOOK, Alastair. Uma lingüística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

ROCHA, Décio, DAHER, Del Carmen. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar?. *DELTA* [online]. 2015, v. 31, n. 1, p. 105-141, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introduccón a las Epistemologías del Sur. In: MENESES, Maria Paula; BIDASECA, Karina Andrea (Orgs.). *Epistemologías del Sur*.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Coimbra: Centro de Estudos Sociais - CES, 2018. p. 25-61.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 73-102.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.